

Ainda o ex-protestante

GILBERTO FREYRE

Baylor: boa e honrada universidade, protestante, dos Estados Unidos, com alguns mestres insignes. Um deles, o de Literatura Inglesa, A.J. Armstrong. Na época, a maior autoridade, em termos mundiais, na filosofia e na poesia de Browning. Foi um dos meus bons professores protestantes. Era um entusiasta de Dante, o Católico.

Reaproximei-me, após a breve aventura protestante, da Igreja Católica. Mas sem tornar-me católico integral. Seria antes um tolstoiano, com esta diferença: a de acreditar — como não acreditava Tolstoi — ter havido em Cristo um toque que outra designação não poderá ter senão esta: divino. Toque que me parece envolver a Igreja: a Católica e, por extensão, as dissidentes, mas sempre cristãs.

Cristo terá sido divino. Deus, talvez, não. Esta concepção, dentro de um modo contraditório não só de pensar e de sentir mas de ser — ou de “estar sendo”, diria um orteguiano — do qual não consigo desprender-me. Nem desprender-me dele nem repudiá-lo. É como se vivendo contraditoriamente vivesse mais congenialmente, isto é, mais de acordo com minhas predisposições do que de maneira de todo linearmente uma só.

Daí confessar-me anárquico. Construtivamente anárquico. Admitindo que tal filosofia de vida ou de convivência venha a ser a ideal para um mundo que sobreviva ao de hoje: ao dos imperialismos superpotentes, ao dos ideologismos intolerantes, ao dos sectarismos mesquinhos de hoje. Ismos contra os quais tolstoinianamente protesto. Mas reconhecendo, para o Brasil de agora, o dever, além do direito, de defender-se de tais ismos, enquanto predominantes, por meios nada anárquicos. Isto é: organizando-se como Estado-nação vigoroso nas suas políticas defensivas.

Tive, no Colégio Americano — e protestante — em que estudei no Brasil, e onde fui colega — eu, um tanto mais moço — de José Ermírio de Moraes, professores dos quais guardo boas recordações. Professores e colegas. Os colégios americanos — americanos e protestantes: presbiterianos e batistas, principalmente — que, no começo do século, foram aparecendo no Brasil e atraindo alunos de famílias católicas, foram uma presença valiosa no nosso País. Introduziram novos métodos de ensino. Deram ênfase ao papel de jogos, como voleibol, na educação dos meninos brasileiros. Obrigaram os colégios católicos a uma competição saudável com eles.

Se com seus hinos, cantados no início das aulas — antes da leitura, sem sermões, de trechos das Escrituras — deram ao seu ensino toques protestizantes, não chegaram a ser colégios sectários. Lembro-me dos hinos, nem sempre bem traduzidos do inglês, cantados nesses começos de aula, que alguns me impressionaram pelo que neles era docemente espiritual. Curioso que num deles eu viria a identificar no autor um protestante convertido ao catolicismo: o grande Newman, autor de *Lead me oh Kindly Light*; e tão lido e relido, esse Newman, por mim. O hino, porém, que mais me tocou a meninice de colegial foi *Jesus escuta!* Era um apelo a Jesus para que escutasse a voz das crianças. Passei, sob o estímulo desse hino, como que a conversar com Deus, com minhas próprias palavras ainda de imaturo.

Gilberto Freyre é sociólogo, ex-deputado federal, ex-deputado constituinte (1946), ex-delegado brasileiro à Assembléia Geral da ONU e autor do clássico “Casa Grande e Senzala”.

Folha de São Paulo

2-IV-1981